

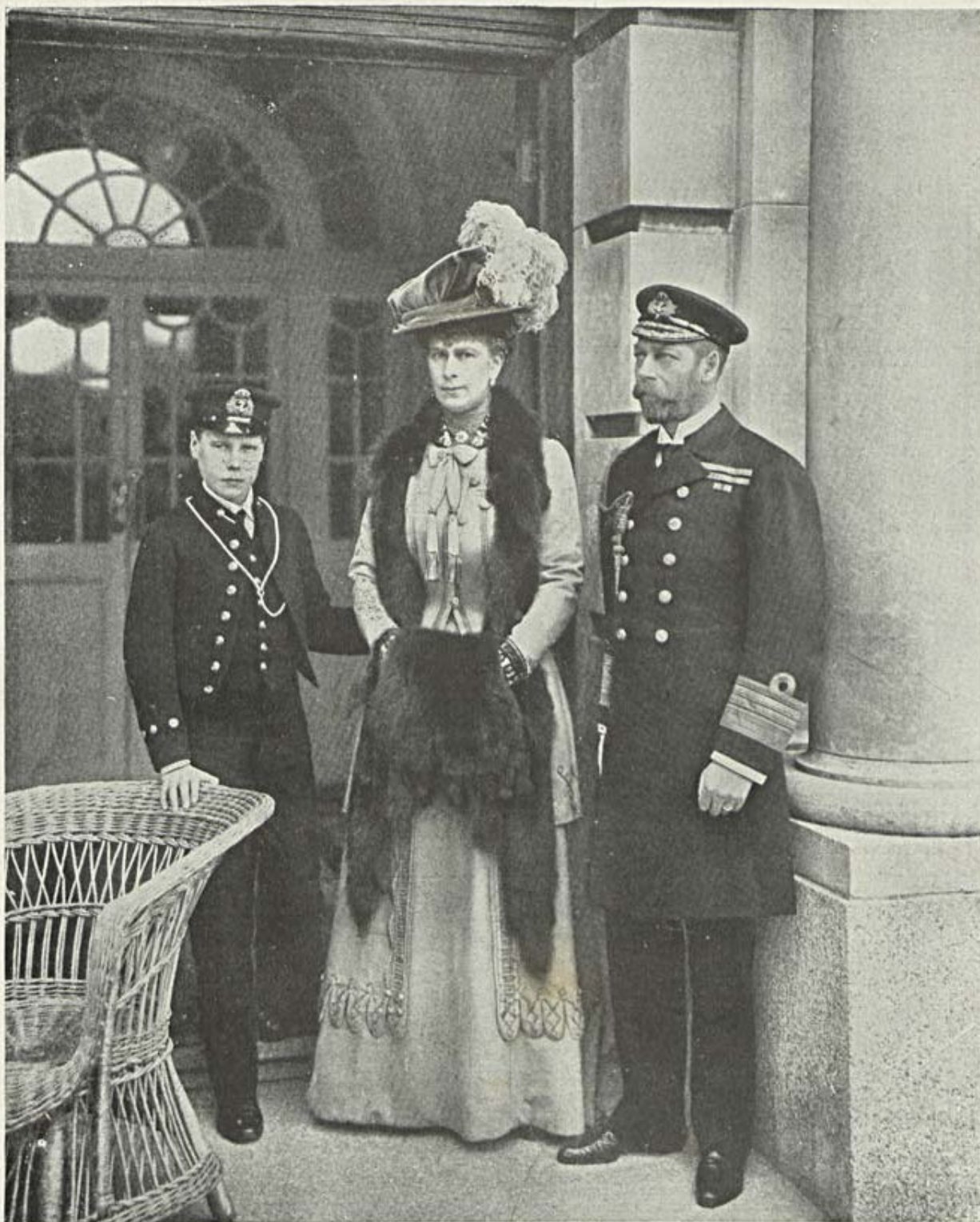
# BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde, Barão, 50 — Lisboa.

1 DE JUNHO DE 1910

N.º 273

## FAMILIA REAL INGLEZA



Jorge V, o actual rei da Inglaterra, a rainha Victoria Maria, e o herdeiro do throno, principe Alberto Frederico, duque de Cornwall

## A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

### Summario de varia historia

**N**ão sei que demonio é isto que me apoquento. Tristeza? Mau humor? Talvez ambas as coisas. O que sei é que estou n'um dos taes dias que não se deseja nem ao maior inimigo.

Não teem conta as vezes que me tenho sentado á mesa para começar este artigo ficando com o olhar vago sobre o papel, a penna suspensa, puxando fumaças. Concentro-me e só vejo e só

Folheio nervosamente os meus jornaes onde devo encontrar registados os acontecimentos d'estes ultimos quinze dias. Leio titulos, meia duzia de linhas. Banalidades, politiquice, traduções píffias de coisas que já li no *Matin*. E o horror costumado dos suicídios, da pancadaria, da bebedeira, da facada, do tiro... toda a roupa suja d'esta bella sociedade posta a secar no cordel da litteratura jornalística. E por fim e sempre, em todos os jornaes e em todos os numeros, o cometa, o estalerno do cometa e mais o que diz o Flammarion e um padre que anda sempre de canudo assestado para os astros, e a cauda e os gazes e o perihelio e o diabo que os carregue! E mais nada. Ah, e o sr. Beirão, que se deve ir embora e o sr. Beirão que não se deve ir embora. Se tiver dignidade deve ir com Deus e com Santa Maria. E se fôr um homem de brio deve ficar no seu lugar, teso como um alho sem querer saber de desgraças. O sr. Beirão! Eu tenho lá pena nenhuma do sr. Beirão! Quem o mandou metter-se em alhadas? Um homem que podia viver como o peixe na agua, com o seu logarzinho da Conservatoria, a pingadeira da advocacia, as suas polainas brancas e a Avenida para passear de manhã cedo. Bem se diz que dá Deus nozes!... Renunciou á felicidade? Pois queixe-se de si proprio. E' muito boa!

## Os monarchas que foram a Londres prestar a ultima homenagem a Eduardo VII



Da esquerda para a direita: — Em cima — O imperador da Allemanha e os reis de Portugal e da Noruega  
Ao centro — Os reis da Grecia e da Dinamarca. Ao fundo — O czar da Bulgaria e os reis de Hespanha e da Belgica

sinto e só penso na Lélé. Levanto-me, dou meia duzia de passos, tento fixar a attenção na minha chronica, procuro assumpto para a chronica. Debalde. O que surge aos meus olhos, como se fosse a sombra d'elles proprios, é a Lélé.

E isto irrita-me, desespera-me. Porque, afinal de contas, a Lélé não me era nada, nem parente nem adherente. Que demonio tinha eu com a Lélé ou a Lélé comigo! Esta agora não é má!

Que elle, o pobre, era bem digno de melhor sorte. Um homem tão serio, de tanto valor, tão estimavel... Que eu digo que não tenho pena d'elle, mas isto é da bocca para fóra. Cá dentro, com franqueza, sinto qualquer coisa. Mas eu é que não lhe posso dar remedio. Sinto, sinto, mas que hei-de eu fazer-lhe!...

Ainda esta tarde se me confrangeu o coração, lá em baixo, na Arcada. Em frente do ministerio onde o sr. Beirão curte as maiores

amarguras parou... — que julgam os srs. que parou deante das janellas da sala do conselho de Estado onde o sr. Beirão recebe os magnates políticos? Pois foi o bando de S. Jorge, os pretos ruando em tambores, annunciando a procissão do Corpo de Deus.

...

Continuo folheando os meus jornaes. Ainda a morte de Eduardo VII enche paginas, como acontecimento maximo, interessando o mundo inteiro. E é de ver a unanimidade com que a imprensa europeia, cujos eccos encontro nas gazetas de cá, deplora a morte do grande, extraordinario homem que reinou durante dez annos no maior imperio da terra, com tino, prudencia e reflexão que se não excedem, que reinou em toda a parte e em todos os corações pela sua adoravel bonhomia, pelo encanto persuasivo da sua palavra ou da sua insinuação, pela bondade extrema do seu character affectivo,

Eduardo VII e a vida de Jorge V.» E nada mais pede a Deus porque confia em absoluto que o filho, honrando a sua promessa, continuará a obra politica do pae que representou bem mais que o fomento, o progresso d'essa admiravel nação: a paz e o bem-estar do mundo.

...

O Congresso Nacional... Como me sinto embaraçado ao ter de registar este acontecimento. Se, ainda não ha dois mezes, eu disse mal, o peor que é possível dizer-se, dos congressos. Está bem de ver que me referia aos congressos passados e que pela minha mente não passou a ideia de amesquinhar est'outro, que ainda estava, por assim dizer, na massa dos impossiveis. E' verdade que eu generalizei; mas permittam-me que me agarre á taboa de salvação que é este precioso dictado que diz não haver regra sem excepção.

Efectivamente, ao Congresso Nacional pouco lhe faltou para ser

## Funeral de Eduardo VII



O grande rei no seu leito mortuario

pela sua fulgentissima intelligencia, pelo tacto admiravel de mestre dos modernos diplomatas.

Que admiravel, extraordinaria figura a d'este grande rei cuja morte provoca a piedade de todo o mundo culto e patenteia a sua admiração pelas nobres virtudes e potentes dotes de espirito d'aquelle que, na sua enormissima esphera de acção, foi o primeiro homem do seu tempo!

O mundo commoveu-se com a sua morte. O sentimento por essa perda, talvez irreparavel, foi immenso, unanime. N'estes ultimos jornaes, n'estas ultimas illustrações está a prova. São as significativas, nunca excedidas manifestações de pesar em toda a parte. E' a reproducção pela gravura do funeral, que revestiu a imponencia d'uma solemnidade sem igual, afirmativa do dó geral. Estupendo espectáculo! Um verdadeiro cortejo de reis e principes, como outro se não viu nunca, seguiu a carreta que conduzia o esquife do grande morto. E uma multidão immensa, compacta, formidavel, alheia ás classes que por dever assistem a estas tristes solemnidades, o povo, o verdadeiro povo, todo um povo, acompanhou á derradeira jazida o despojo mortal do rei que foi mais do que o orgulho da sua raça e da sua terra.

A Inglaterra substituiu, depois da morte de Eduardo VII o *God save the King* por esta outra formula: «Deus guarde a memoria de

uma excepção. Os problemas versados foram muitos: o financeiro, o economico, o demographico, o politico, o colonial, o juridico, o internacional, o educativo, o de defesa nacional... Foram apresentadas theses valiosas, cheias de ideias nobre e galhardamente sustentadas. Mas quando se chegou ao remate da obra, isto é, á approvação de votos formulados pela assemblea, o radicalismo, que por vezes foi geral, encolheu as unhas e foram retirados da votação a obrigatoriedade do registo civil, a lei de responsabilidade ministerial, a instituição do divorcio e a substituição da guarda municipal por uma guarda civil. Estas duas ultimas resoluções foram um verdadeiro cheque para o sr. D. Alberto Bramão e um completo triumpho para as creadas de servir. O sr. Antonio Cabreira, a quem tambem sorria a ideia de accrescentar á vasta lista dos seus titulos o de coronel ou tenente-coronel honorario da guarda civil, ficou logarithmicamente desesperado.

Enfim, não era possível contentar a todos. Alguem havia de ficar a chuchar no dedo. E, como sempre, foram os ingenuos.

No discurso de encerramento, o illustre presidente encarecendo o valor do congresso, que especialmente affirmou a solidariedade de todas as classes para o resurgimento da patria, disse que elle contrastou com a nullidade do parlamento nos ultimos annos. D'accordo. Para isso não era preciso muito; nem tanto. O demonio é que



**Funeral de Eduardo VII.** — TRASLADAÇÃO DO CADAVER PARA A ABBADIA DE WESTMINSTER  
*O cortejo passando em Whitehall*

amanhã já ninguém se lembra de que houve congresso, ninguém se recorda do que lá ouviu...

... e do que lá disse.

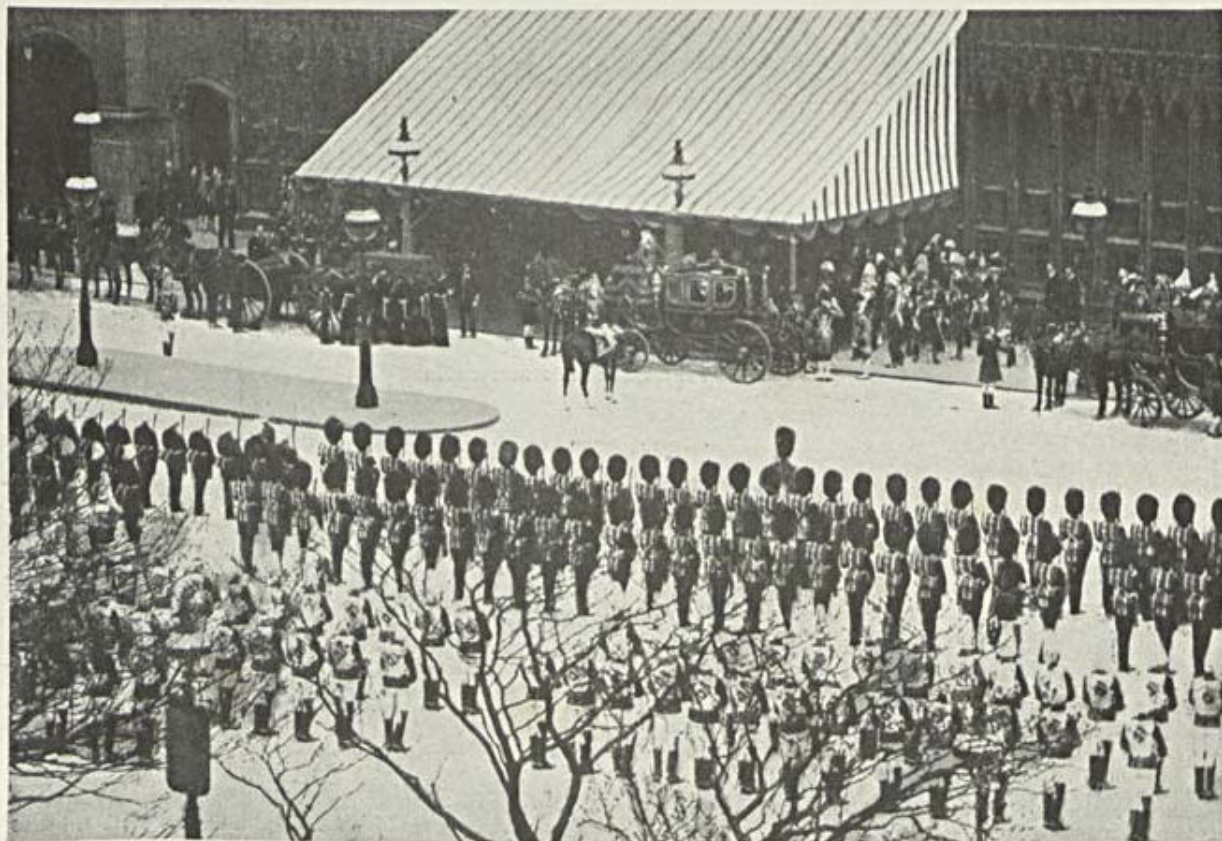
• • •

Pois é verdade, a pobre Lélé... E porque não hei-de contar-lhes a historia de Lélé? Ora ouçam.

Alli defronte, na cave, mora uma mulherzinha. E' engommadeira. Typo do povo, creatura sorvada pela necessidade, pela amargura, pelo desengano. Tem trinta e tantos annos e parece ter cincoenta. A historia d'ella é a historia de tantas outras. Fome, maus tratos, a vida negra dos que nasceram para a execrar desde o berço. Opera-

ria. Moirejava n'uma fabrica. No meio da sua desventura houve um dia uma nesga de felicidade: amou. Elle era um tragalhadanças qualquer, borrachão e bulhento. Ella, porém, adorou-o. Casaram. Elle deixou de trabalhar e batia-lhe. Ella soffria resignada, talvez feliz. Amava-o! Um dia elle abandonou-a. A pobre pensou em pôr termo á sua desgraça; mas sentiu que uma outra vida reclamava a sua propria vida...

Mezes depois nasceu uma pequenita — a Lélé. E pela mesma época o pae entrava na Penitenciaria como assassino. Lélé nunca viu o pae — no que consistiu a sua unica felicidade. Cresceu ao lado da figura tragica da mãe, sem carinhos, sem sorrisos, sem beijos, sem ternura. Com o primeiro leite bebeu as primeiras fêzes da vida. Cresceu, medrou n'uma atmospheria de azedume, de amar-



**Funeral de Eduardo VII.** — TRASLADAÇÃO DO CADAVER PARA A ABBADIA DE WESTMINSTER — *A chegada do cortejo*

## A proclamação de Jorge V



*Uma das phases da cerimonia — Os arautos do rei pedindo permissão para o cortejo real entrar em Londres*

gura e de miseria. Passava os dias amarfanhada como um trapo junto da mãe, olhando com terror os seus olhos seccos, que as lagrimas ha muito não adoçavam, a sua bocca que um rictus de angustia vincava severamente, d'onde as palavras sahiam violentas, desabridas, gelando o sangue da pobresinha.

Era feia; mas palavra que nunca vi feia tão linda! Que typo tão singular o d'essa Lélé! Como ella curvadinha, sem forças para erguer o busto, com a bocarra grossa de dentes ralos e a trunfasita de cabellos emaranhados como as linhas de um novelo que fosse brinquedo d'um gato, conseguia ser linda, mas linda como os amo-

res, só pela estranha doçura do seu incomparavel olhar! Que olhos aquelles! Que expressão a sua! O que elles diziam de dôr, de ternura, de resignação! Que estupendo olhar!

Lélé viveu alli, n'aquella fuma, os seus quatorze annos. N'aquella cave fez ella quatorze annos de tirocinio para a cova definitiva. Raras vezes sahia, apenas quando a mãe a mandava, com pequenas trouxas de roupa, a casa dos freguezes. Mal chegava á porta levava aos olhos as mãositas magras. Era o deslumbramento. E seguia com a cabecita baixa, pestanejando, n'uma aflicção. E' que lhe custava sahir das trevas d'aquella primeira morte...



*A proclamação de Jorge V. — A cerimonia effectuada em Windsor, em frente da estatua da rainha Victoria*

# Offícios funebres na capella anglicana de S. Jorge, em Lisboa, por alma de Eduardo VII



A' saída do templo

Sua Alteza o Príncipe Regente, o sr. presidente do conselho, o sr. ministro da Inglaterra, o sr. marquez do Fayal e o reverendo sacerdote inglês

Foram imponentes os officios funebres realizados na capella anglicana de S. Jorge, à Estrella. Ao acto assistiu toda a colonia ingleza que trajava rigoroso luto, o corpo diplomatico, representantes das camaras dos pares e dos deputados, da camara municipal de Lisboa, da Sociedade de Geographia e da Associação Commercial, muitas damas e cavalheiros da nossa primeira sociedade, dignando-se tambem assistir aos officios Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia e o Senhor D. Affonso que assim retribuiram a gentileza que Eduardo VII teve para connosco comparecendo na cerimonia funebre effectuada na egreja catholica de Londres por occasião da morte de El-Rei D. Carlos.

Quantas horas passei junto d'aquella janella com os olhos fixos n'essa agonia que hontem terminou! Estou-a vendo, a pobre Lélé, sentada n'um banquinho, remexendo na concha que a saia fazia entre os seus esbrugados joelhos, a frandulagem inverosimil que era toda a sua alegria. As vezes lobrigava-me e a sua hedionda bocca abria-se n'um sorriso pavoroso. Era de affligir o seu sorriso. Mas se attentava nos grandes olhos humidos, radiosos, d'uma doçura, d'uma bondade, d'uma ternura de escorçado e fiel cãozinho, não sei que nó de commoção me estorcegava. Era linda, linda como os amores!

A mãe, dobrada sobre o ferro, com os olhos fixos no trabalho, sem um olhar de ternura para aquella desgraça que era a continuação do seu tragico romance, sem uma palavra de carinho para aquelle farrapo da sua miseravel existencia, trabalhava, trabalhava sempre, engolfada na sua dor sem remedio.

Lélé erguia a cabecita, dizia-lhe qualquer coisa, puxando-lhe a saia.

— Vê se'tás qu'eta!

A pequenita insistia, com o olhar supplice.

— Tá qu'eta, rapariga!

E tão severa era a sua voz desabrida que Lélé, atordoad, aterrada e triste, curvava a cabeça e ficava-se a remexer os seus trapos até que, mais serena, voltava a sorrir-me com a sua bocca hedionda de monstro, a conceder-me a benção do seu olhar de anjo.

Adoeceu. Primeiro, fastio, fraqueza, mal estar. Depois, tosse, uma tosse secca, impertinente, que dava arrepios a quem a ouvia. Definhava a olhos vistos. A mãe levou-a a uma botica, á consulta d'um medico de barbichas e oculos que a mandou para a Assistencia aos tuberculosos. Para lá se arrastou mezes a fio a pobre Lélé, periclitante nas suas pernitas mirradas, balouçando o busto curvado

como a côma de uma arvore sacudida. Diziam-lhe que comesse carne, ovos, tomasse leite. A mãe resmungava palavras de colera e desespero. Onde iria ella buscar dinheiro para esse tratamento! E tomava a pequena pela mão, violentamente, e arrastava-a para casa, para a fuma sem ar, sem luz, rés-vés do leito da rua, por cujas janelitas entrava a morte na poeira e nos lixos. Por fim Lélé, desapareceu do seu canto, do seu banquinho. Sabia-se que vivia porque se lhe ouvia a tosse horrivel, abalando-lhe as arcas do resequido peito, deslibrando-a. Senti a sua falta, a falta d'aquelles olhos singulares. Mandei lá a casa a minha creada, a saber d'ella. Eu estava a um canto do escriptorio meio estendido n'uma cadeira de verga, lendo um jornal. Senti os passos da mulher. Voitei-me. Junto de mim estava a Lélé. E horrivel, horrivel, meu Deus!

— Tu não estás melhor?

— Não, senhor.

Desceu os olhos maguados, curvou a cabecita, a bocca contraiu-se-lhe e desatou a chorar, um choro convulso, soluçado, que a estremecia e a estrangulava. Amparamol-a, consolamol-a, animamol-a. A crise ia passando, a pouco e pouco. Por fim falou.

— Eu não queria... não queria... morrer...

— Mas tu não morres, Lélé. Que tolice! Tu não morres.

— Morro, morro... mas não queria, por causa da mãe...

— Tinhas pena da mãe?...

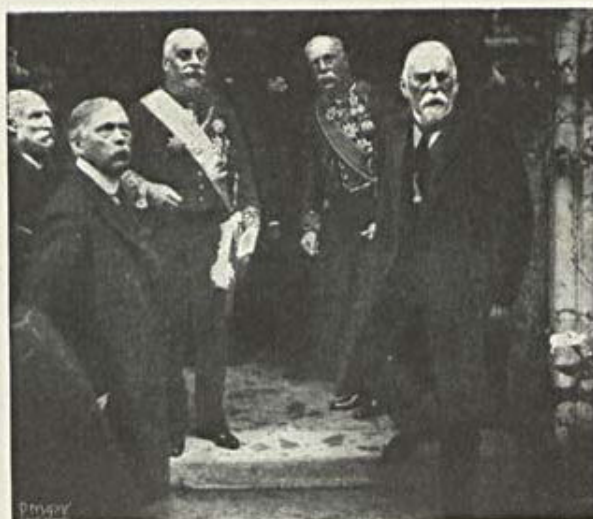
— A mãe, coitadinha, não tem dinheiro para o enterro...

Hontem veio a minha creada dizer-me que a visinhança se cotizara para obsequiar a Lélé — fazendo-lhe o enterro. A Lélé morrera ante-hontem. E todos os visinhos tinham dado alguma coisa para o funeral da pequena. Faltavam quatorze tostões. Alvorogadamente dei os quatorze tostões. Era para o bem estar da Lélé, para a felicidade da Lélé. Mais que fosse! Lélé, no ceu, onde certamente estava, sorriria satisfeita vendo que a mãe não se affligia com o encargo do seu enterro e que nós todos, os que ella abençoou com o seu peregrino olhar, a amavamos a amamos ainda.

Ha pouco, ao fim da tarde, levaram a Lélé para o cemiterio. Ia n'um caixãozinho de lhama, em carreta, entre um formigueiro de pobre gente vestida de preto, sob uma chuva miuda, impertinente. O cortejo poz-se em marcha e eu não despeguei os olhos da carreta até ella desaparecer, ao fundo da calçada, aos solavancos nos accidentes do terreno, enorme e negra, dando a impressão de um grande passaro que aos saltos agonisasse, ferido de morte...

Vim então escrever. Mas não pude, não posso. Estou vendo a Lélé aqui, junto de mim, abençoando-me com o seu peregrino olhar de anjo e a dizer-me que não quer morrer «porque a mãe, coitadinha, não tem dinheiro para o enterro...»

CAMARA LIMA,



Offícios funebres na capella anglicana de S. Jorge por alma de Eduardo VII  
A' porta do templo — O sr. conselheiro Veiga Beirão, presidente do conselho, e alguns membros da colonia ingleza  
(Cliché de A. C. Lima)

# O mal d'El-Rei

(Continuação)

Assomava o sol, afogueado, por entre umas nuvenzitas roseas, dispersando-se por entre a ramaria, quando os cavalleiros, abafando-se nos balandros, dêram redeas aos ginetes ricamente ajaezados...

El-Rei da janella em ogiva, com uma esperança no olhar apagado, seguiu os...

O burgo dormia ainda... do valle subiam apenas os latidos dos cães...

O sacrista, tropego e chocalhando as ferrugentas chaves, viera abrir a porta, pesada de pregaria, da capella, demorando-se a olhar os mensageiros...

O campanario deu horas... um ruido metallico de ferraduras, uma ultima saudação... e os embaixadores partiram, adeante o alferes hasteando o pendão de sêda, desdobrado e custoso...

El Rei suspirou fundamente e o sacristão reentrou fazendo tinir as velhas chaves...

Ao longe, na curva da estrada, os cavalleiros desapareceram, e em seguida, pouco a pouco, apagavam-se os passos dos cavallos...

Todo aquelle dia percorreram dominios d'El-Rei. O caminho, estreito e pedregoso, colleava pelas encostas dos monticulos, descendo aos valles, onde soava a canção d'um cavador, e subindo em seguida, diffiil e abrupto. Correram milhares fartos e trigaes verdejantes, que a brisa ondeava, castanhas onde cantava a cigarra, avelanados onde chorava o estorninho. Por sobre elles o céu distendia-se azul e puro, como uma immensa abobada de velludo; das sarças levantavam-se tordos e das olaias em flor fugiam as arvôlas; pelos campos arroteados amadurecia o pão; nas encostas, por entre parras vivas, luziam os cachos fartos, das chaminés sahia um tenue vapor e no ar pairava um aroma quente a eucalypto.



(Clique de A. C. Lima). Aspecto de uma das sessões

N'um valle, por entre as oliveiras, corria um fio d'agua perdendo-se quasi entre os seixos; os cavalleiros apearam e os ginetes beberam...

O sol passava o meio dia, quando subiu uma canção voltil e cristalina, n'uma voz transparente...

Esporearam os ginetes; passaram uma fonte, em arcos, e entraram n'um povo, algumas casas terreas. As gallinhas debicavam na terra, e os porcos focinhavam nas humidades sujas da margem do ribeiro. U na moça lavava; um velho podava umas oliveiras...

A pergunta dos mensageiros surpreendeu os tristemente.

— A camisa d'um homem feliz, senhores! Oh! Deus do céu! Mas onde ha aqui um homem feliz? Ninguém! Ergo me com o sol, ou bem antes, regelando as pernas, de inverno, e de enxada ao hombro parto, a cavar e a revolver as entranhas do pobre torrão, extenuado e esteril, como uma mulher arruinada por uma fecundidade sem tréguas. Cavo, cavo, revolvo, aro, semeio, régo — quando a sêca não descobre o fundo do poço —; o trigo viceja, depois aloira... Mas quê? Vem um temporal! ou uma caçada de El Rei e eis perdido um anno de canseiras, e no fim a miseria! Felicidade aqui, senhores! Se até aquella, tão nova e tão loira, canta u nas cantigas que partem o coração, principes encantados que seduzem prin-

cezas, e as deixam... El-Rei é rico, é poderoso... será pois, feliz!... E a camisa do homem feliz, procura-a n'outras paragens, que não aqui...

Aos ares subiu a mesma canção dolente e argentina... e a um signal do alferes os cavalleiros passaram a ponte de arcos e partiram...

Agora o caminho bordejava o ribeiro, seguindo-lhe os caprichos; á esquerda erguia-se uma collina granitica, coberta de matto, e a léste estendia-se, interminavel, a charneca deserta e torrida... O sol queimava, o ribeiro secava-se por entre os calhaus polidos do leito... no alto da collina branqueava uma ermida d'asceta.

Extenuados de fome e sêde, os mensageiros percorreram vastos baldios, e quando passaram uns marcos, perceberam que tinham sahido das terras d'El-Rei... Já o sol declinava, menos ardente, e a natureza, mais branda, reverdecia de novo sorrindo, oppondo ao céu azul os outeiros forrados de pinheiras saudaveis...

De novo o ribeiro corria...

Quando os cavallos, satisfeitos, sacudiram o freio, esporearam-nos, e pelas devezas levantaram-se nuvens de poeira, embranque-

## O Congresso Nacional



A mesa da presidencia

cendo as sarças e as piteiras marginaes, onde voejavam as borboletas...

Os pinheiras estendiam-se das collinas á planicie, a resina impregnava o ar, os cavallos, já cansados, faziam estalar as pinhas, no chão juncado de caruma... Depois appareciam montes de lenha empilhada, ouviã-se as vozes distantes na amplidão immensa...

Descansaram á sombra...

E quando o sol se escondia, d'uma volta do caminho, surgiu a magestade imponente d'um alto castello, de estreitas janellas, inflamadas na luz que fugia... Era um solar feudal, no alto de um outeiro, ostentando o rendilhado das ameias das suas oito torres em pedra negra.

Em volta do fosso, um largo muro fechava o recinto da moradia; por uma abertura negrejavam as grossas correntes da ponte levadiça... Dentro uma pequena povoação, as estrebarias, as cosinhas, a capella, e no meio, garbosamente, como uma arvore frondosa d'entre as parasitas, a torre de menagem, de janellas divididas por columnas delicadas e rema-

tadas por um escudo, no alto o pendão, dentre as ameias. Dos intersticios das pedras cresciam as hervas

Os embaixadores chegaram á ponte levadiça e tiveram uma curta fala; soou uma buzina, a ponte desceu, e a cavalgada penetrou no castello, exhausta e vasia...

Do torreão o atalaya mirava a extensão dos campos, fundindo-se ao céu escuro, lá ao longe — quando pela encosta tropejavam cavallos, logo pelos vallados reboava o alarme...

As janellas abraçavam-se nos raios avermelhados do sol que morria, dos céus descia um pesado véu de tristeza...

Ao outro dia, quando o sol nascente de novo incendiou as janellas, illuminando, alegrando os desertos campos, lembraram-se da sua estranha mensagem...

Através os pinheiras, serpenteava, sinuosamente, caprichosamente, perdendo-se n'um massico de verdura, reaparecendo n'um socalleo, a longa fita branca do caminho real... No horizonte avermelhado, os montes punham manchas escuras. Para além da pequena cumiada seria o palacio de El-Rei...

Aquella hora dormiria extenuado, seguindo entre visões, os pagens que mundo fóra, corriam em busca da felicidade... No valle o burgo acordava, e com o ruido das bigornas esfalfadas, latiam os cães... enquanto na capella real chocalhando as chaves,

## A festa das cruzes em Barcellos



O cortejo agrícola passando no largo do Bom Jesus da Cruz

Decorreu com grande entusiasmo e revestiu o maior brilho a festa das cruzes que, nos dias 2 e 3 do mez findo, se realizou em Barcellos. A festa constou de varias solemnidades religiosas, bode a 200 pobres, distribuido por pessoas da primeira sociedade da historica villa, tourada, certamen musical, marcha luminosa constituida por varios grupos de fogachos de bem combinadas côres, diversas cavalgadas e seis carros, e finalmente d'um cortejo agrícola que excedeu toda a expectativa, obtendo um exito ruidoso. Todos os carros se apresentaram muito bem, apparecendo alguns que constituíam uma verdadeira manifestação artistica, como os nossos leitores poderão verificar pelas gravuras que publicamos.

Innumeras rondas e ranchos em attitude de serviço de lavoura acompanhavam esses carros, dando uma animação extraordinaria ao imponente cortejo.

o velho sacristão fazia resoar as sandalias pesadas nas lages gastas...

E El-Rei soffreria ainda do seu estranho mal...

Quando a embaixada do rei estrangeiro penetrou na grande sala, soaram os atabales e as charamelas, com pequenos estandartes pendentes, de velludo e ouro, e pelos vastos corredores abobadados echoaram as notas epicas d'um canto de guerra...

No throno, refestelado n'uma ampla cadeira de espaldar, forrada de coiro pirogravado e scintillante da pregaria amarella, o conde viu desfilarem os cortejos, primeiramente as damas de longa cauda, caprichosas e variegadas, depois os cavalleiros arrogantes, fazendo tinir as esporas de prata... e um a um, curvando o joelho, rodearam o throno junto ás pregas molles do farto velludo que cahia do docel... O sol entrava em laminas coloridas pelas janellas de vitraes, fazendo scintillar as joias...

A um gesto do senhor, correu se um reposteiro, e os embaixadores do rei estrangeiro appareceram... A côrte entreolhou se surpresa, ao ouvir a estranha mensagem; em volta da bôcca do conde, curvaram-se dois sulcos melancolicos:

— Um homem feliz procuraes! Ide a outras paragens.

Fui feliz, mas essa felicidade durou apenas, emquanto me sorria a branca formosura d'uma esposa, e a loira pureza d'um filho... mensageiros, eu amei... amei e fui feliz...

Então os meus dominios estendiam-se interminavelmente, por montes, planicies e valles, acompanhando o céu immenso. E quando o sol nascia, logo minhas terras illuminava, e quando morria, nellas se afogava.

Por sobre o meu senhorio, erguiam-se cem ca-

thedraes gothicas, magestosas, onde ao domingo a multidão, passiva e resignada a Deus e a mim, recebia a benção celeste...

A descrença puni-a, os crimes d'amor perseguio-os.

Quando o inimigo arrogantemente talhava meus campos, eu e alguns vassallos tingiamos o rio com o seu sangue. Venci moiros e christãos, desbaratei cavallarias da mais pura flor da nobreza, esmaguei peonagens... Aos meus impetos não havia oppôr obstaculo.

Quando as minhas trombetas de caça annunciavam para a manhã seguinte uma montaria, logo os vassallos derrubavam muros, abandonando as terras á minha phantasia folgazã, e esperavam-me



A festa das cruzes em Barcellos. — O CORTEJO AGRÍCOLA  
Uma malhada typica da freguezia de Palme

nas encruzilhadas constrictos e ajoelhados, e á entrada dos burgos, de cruz e pallio.

Mas um dia um barão irrequieto ousou levantar contra meu poder a mais poderosa hoste, que campos christãos hão visto...

Turvou-se-me a fronte, e não sei de colerico o que ordenei... Horas depois, da estrada, entre o tropear da cavallaria e o tremular das bandeiras ao vento, via no castello um lenço branco a acenar... Esporeei o ginete para esconder dos meus vassallos a commoção que me estrangulava a garganta e as duas lagrimas que a viseira levantada mostraria... A meu lado, moço e loiro, puro e bello, como uma madrugada d'abril, florida e fresca, cavalgava um filho meu que eu tinha, a quem amava mais que a todo este poder immenso, mais que á branca e doce formosura da mãe, mais que a Deus...

A algumas leguas, á sombra rala dos olmos, descansava a hoste, do barão conspirador... Pela encosta abaixo reluziam os elmos e as lanças, e á margem do rio, relinchavam os cavallos.

Olhei a minha pequena hoste... perceberam-me.

Afivelaram os escudos, deram redeas e d'ahi a momentos, brancos de poeira, no meio da algazarra, cahiamos no acampamento... Peri, rasguei, despedacei, matei... Onde a refrega era mais accessa, pre-



A festa das cruzes em Barcellos. — O CORTEJO AGRÍCOLA  
O carro dos adubos que obteve o premio de El-Rei



A festa das cruces em Barcellos. — O CORTEJO AGRICOLA  
Carro da Industria do linho da freguezia de S. Paio  
do Carvalho (2.º premio)

capitava-me de montante erguido e logo se abria uma clareira jun-  
cada de cadaveres...

Quando accordei da minha allucinação e senti os braços exte-  
nuados, d'uma das faces escorria o sangue... e pelos campos além  
fugiam os unicos escapos... Indifferente ás graças dos cavalleiros,  
procurei meu filho... ninguém sabia dar-me noticia d'elle. Oh!  
Nunca vos saberei dizer que d'ôr me traspassou o peito, este largo  
peito que resistira ao frankisk dos inimigos. Imaginae um vulcão  
candente, lá dentro, a arder, a revolver, a queimar, a destruir...  
Chamei-o, gritei, procurei-o... Jazia todo em sangue, com o bulhão  
na garganta estrangulada, junto ao rio...

Tinham-me ferido no amago do coração.

Corri como louco pelos campos, assolando povoações, dando-as  
ao saque da peonagem, talhando vinhas florentes e destelhando la-  
res onde a alegria virgem cantava... Mezes e mezes assim vivi,  
vendo dizimar os meus cavalleiros, mas sempre insaciado... No  
peito o vulcão queimava ainda...

E uma noite, extenuado, caminhava a passo, abatido e doente,  
pela estrada que conduz á ponte levadiça do meu castello... Pelos  
céus as estrellinhas brilhavam limpidas como olhar d'aquelle filho  
que me lá ficara... Dois pagens, na tarde da victoria, tinham an-  
unciado á condessa a derrota do barão e a morte do filho...

A cavalgada vinha subindo, pesadamente como após uma der-  
rota... Da torre soou a buzina do esculca, a ponte desceu... mas  
as janellas continuaram fechadas e nenhum véu branco acenou...  
A condessa partira para junto do filho!

Bem vêdes; procura o homem feliz n'outras paragens. Fui-o  
durante algum tempo, mas então os marcos do couto do barão meu  
rival eram como um escarneo ao meu poder! A felicidade! Oh! A  
felicidade, procura-a n'outras paragens...

E ao cahir da tarde — uma tarde tepida e triste como o conde  
— os cavalleiros passaram a ponte levadiça e abalaram... Do ei-

rado do castello, o senhor seguiu a embaixada, com olhar velado e  
distrahido... As arvores sussurravam melancolicamente... os si-  
nos badalavam... e pelos campos além, aos ouvidos dos cavallei-  
ros, resoavam as vibrações metalicas dos sinos potentes...

O caminho real colleava pelos accidentes do campo, descendo  
aos valles verdejantes, onde viçavam as oliveiras, á beira dos rios,  
e subia as collinas, custosamente, onde a vinha amadurava...

E do alto os mensageiros seguiam a larga extensão das camp-  
inas, os bosques virgens enchendo valles e forrando montes, a pla-  
nicie lavrada e verde, a charneca deserta e arida.

E por sobre elles um grande céu azul e puro, resplendente de  
luz e tranquillidade, um sol amigo e fecundador, alorando o trigo,  
pondo reflexos doirados nos ribeiros, acarinhando immenso e ge-  
neroso a terra-mãe, incansavel na sua fecundidade perenne, a vida  
brotando da morte, toda uma incessante vicissitude d'amor...

Nas ramarias noivavam as aves, em trilos meigos, enquanto  
pelos campos, curvada e triste, moribundeava a servidão da gleba.  
Entraram nas choças de colmo, onde brincavam as creanças, em  
risadas descuidosas; percorreram os verdes pomares, onde loireja-  
vam as laranjeiras e os limoeiros; seguiram trigas immensas, ar-  
roteados n'uma mansidão passiva e resignada pelos velhos bois,  
d'olhar dorido, ao som d'uma cantiga; penetraram no mais escuro  
e mais denso da floresta, onde os rachadores empilhavam a lenha...  
e quando o sol morria, n'um derramamento de luz e de tristeza,  
para a banda das collinas do horizonte, os cavalleiros chegaram a



A festa das cruces em Barcellos. — O CORTEJO AGRICOLA  
Lavradeiras vestindo o trajo regional,  
vendo-se á direita a que obteve o primeiro premio

uma encruzilhada... Alguns marcos delimitavam as terras da  
communa... Enveredaram á direita, e sob a impressão do estertor  
afogueado do sol, banhando de luz derradeira o céu pesado, um de-  
sanimo nostalgico os invadiu pouco a pouco...

Emtanto, no meio de sedas e velludos, na orgulhosa despreoc-  
cupação da abundancia, no castello, o rei miraria com o olhar em-  
panado a monotonia do burgo servil ordenhando as vacas, que mu-  
giam cavamente nos estabulos, forjando as rijas espadas, enquanto  
no bosque as alimarias proliferavam, multiplicando-se ao signal da  
trombeta de caça... e os physicos diriam: — El-Rei soffre!

Pouco a pouco, á pallida claridade, que se apagava, surgiu a ca-  
saria dispersa d'uma cidade, defendida pela alta muralha enegre-  
cida...

Esperançados, os cavalleiros esporearam os corceis... e d'ahi a  
momentos as ferraduras resoavam cavamente, sob o arco da en-  
trada, e o ostiario da communa fazia ranger as velhas correntes e  
os rigidos gonzos da porta...

A estrada como se prolongava através a cidade, dividindo-a; a  
léste a cansada cidade da miseria e do trabalho, as estreitas viel-  
las dos mestreaes agrupados por officios, as casas pontegudas de  
varandas de madeira proeminentes... a oeste a cidade abastada,  
os palacios irregulares dos senhores, rodeando a grande cathedral  
rendilhada e trabalhosa, a pesada massa do mosteiro, enorme e si-  
lencioso...

(Continúa.)

FIDELINO DE FIGUEIREDO.



A festa das cruces em Barcellos. — O CORTEJO AGRICOLA  
Carro da freguezia de Barcellinhos representando  
a ermida da Senhora da Ponte e o carvalho historico de Barcellinhos

## O curso do 5.º anno de medicina da Escola Medica do Porto, 1909-1910



Da esquerda para a direita: 1.º plano — Joaquim Gomes Ferreira Alves, do Porto, Fernando da Veiga Cabral Belleza dos Santos, de Oliveira de Azemeis, Antonio Julio Pinto Villela, do Porto, Gregorio Queiroz da Luz, de Penafiel, Antonio Pacheco Dias de Freitas, de Louzada, Virgilio Augusto Marques Ferreira, do Porto, Eduardo Pinheiro da Motta Coelho, do Porto, e Manuel Dias Leite Machado, de Guimarães.

2.º plano — José Correia Vasques de Carvalho, da Regoa, Alvaro Pereira Pimenta de Castro, de S. Thiago de Compostella, Candido Adelino de Mattos Vieira, da Póvoa de Lanhoso, Joaquim Pedro Victorino Ribeiro, do Porto, Modesto Pereira Coelho, de Chaves, João Mario Meirelles de Moura e Castro, do Porto, Alberto de Oliveira Maia, de Villa do Conde, Aureliano Curcino Dias, de S. Thomé, Gabriel Cardoso, de Santo Thyrsó e Arthur Mendes Leal, de Louzada.

3.º plano — Manuel Joaquim Ruivo da Fonseca, de Anadia, Manuel Pinto de Magalhães, de Louzada, Carlos Claro da Fonseca, do Porto, José Peixoto Pinto de Faria, de Louzada, José Felix Farinhote, de Fozcoá, Antonio Maria Pinto Fontes, de Ponte do Lima, Arthur Alves Ferreira, de Celorico de Basto e Manuel Lourenço Gomes, de Pernambuco.

(Cliché de Aurelio da Paz dos Reis — Porto).

## O pintor Nuno Gonçalves

**P**óde afirmar-se que no mundo da arte o acontecimento mais sensacional dos ultimos tempos foi a exposição dos quadros do pintor portuguez Nuno Gonçalves.

A Lisboa que pensa, a Lisboa que estuda, a Lisboa artista e até a Lisboa snob, parou algumas horas ou pelo menos alguns minutos, na Academia de Bellas Artes, deante d'essas simples taboas, que representavam contudo uma revolução na arte de pintar, que revelavam o prodigioso talento de um artista insigne, que mostravam a que altura subiu no seculo xv em Portugal a arte que tão poderosamente contribuiu para a gloria dos mais cultos paizes da Europa, e que, ao mesmo tempo accusavam o talento e o consciencioso cuidado de outro pintor portuguez, Luciano Freire, que ao restaurar por fórma tão intelligente os quadros de Nuno Gonçalves, abandonados em S. Vicente durante seculos, ganhou fóros não só de artista eminente, mas de benemerito portuguez.

Para a comprehensão da grande obra do pintor quinhentista, da época em que elle a executou, e dos serviços por elle prestados á Arte portugueza, de um livro se tornava mister, livro que pela clareza da exposição, pelo vigor da prosa, pela copia dos conhecimen-

tos especiaes, viesse dar a noção exacta do que era a arte portugueza quando appareceu Nuno Gonçalves, do que foi o serviço por elle prestado com as manifestações do seu talento, com a firmeza do seu pincel, com o poder dos seus processos. Esse livro é o que tem o titulo acima, e o seu auctor é José de Figueiredo, nome que de nenhum adjectivo precisa ser acompanhado para garantir competencia e auctoridade em coisas de arte.

Começamos a publicar hoje o capitulo II, um dos mais interessantes e illucidativos sobre Nuno Gonçalves e a sua obra:

Que representam as taboas de S. Vicente? Que facto ou acontecimento commemoram? Qual é o seu significado historico?

Eis ahi uma pergunta cuja solução é de grande importancia, mas cuja resposta não é tambem das mais facéis. Esclarecido esse ponto, esclarecer-se-hia, por assim dizer, tudo; e, com a assignatura do pintor, a cuja descoberta nos referimos no capitulo immediato, e o que as taboas representam sob mais de um aspecto, como a documentação dos costumes do tempo, teriamos ainda o proprio espirito do momento historico em que ellas foram feitas. Conseguida essa constatação, o que, nas chronicas, não passa d'uma suggestão apagada e confusa d'um passado sobre todos glorioso, transformar-se-hia, nas taboas, na resurreição integra d'esse mesmo passado, em carne e espirito, vivo e quasi palpavel. Seria, como sempre, a lição suprema da imagem; mas da imagem, não para affirmar unicamente a alta situação e poder de um cavalleiro ou a piedade santa d'uma dona, mas, mais do que isso, o corpo e o espirito d'uma raça, que, menos mortal em si mesma do que esses seus ve-

lhós heroes e as suas já esquecidas companheiras, ainda hoje, como hontem, vive e sofre sobre o mesmo canto abençoado de terra e sob a mesma nesga illuminada de céu.

Conseguiríamos desvendar o enigma? Mais d'uma vez, parecemos que não. O problema surgia-nos insolúvel, tantas eram as hypothèses, que, a cada passo, nos appareciam. Na mesma chronica, dois assumptos dir-se-hiam dar nos egualmente, e por completo, a solução desejada. E, na preocupação de authenticarmos apenas um ou outro dos personagens, já tínhamos desistido de poder formular, para o significado dos quadros, uma hypothese satisfatoria. Mas achados posteriores vieram, felizmente, desmentir o nosso pessimismo, e, a não surgir agora um documento irrefutavel em contrario, a conclusão a que chegámos tem de admitirse, pelo menos, como a mais logica e plausivel.

Mas não precipitemos. Vejamos quem são os personagens representados nas taboas pelo artista. A sua identificação, e esta só em parte, pois a maioria continua a ser para nós um problema, marcar-nos-ha, com relativa precisão, o periodo em que foram pintados os quadros e levar-nos-ha a formular a hypothese a que atraz alludimos.

A figura de mais facil authentication, e que foi reconhecida logo pelo sr. Joaquim de Vasconcellos e pelos seus companheiros, como tinha sido já anteriormente pelos srs. Columbano, Visconde de Castilho, Julio Mardel e Gabriel Pereira, é a do Infante D. Henrique. Essa mascara condiz quasi absolutamente, senão no character, pelo menos no aspecto geral, com o Infante que illustra a chronica de Azurara. O principe está retratado na mesma attitud: a cabeça vista de tres quartos, voltada para a direita, coberta com a mesma gorra ampla, e o mesmo corte de cabello. As diferenças de traje reduzem-se ás que apontámos no prefacio. A expressão da mascara é que, como também já vimos, differe muito. A da chronica é dura. Esta é suave, doce, illuminada. O seu olhar impressiona, mesmo, profundamente, pela intensidade de sonho que o artista ali conseguiu concentrar. É um Infante menos aspero; e, se esse devia ser talvez o seu verdadeiro fundo, ainda assim para o effeito da visão com que o surpreendemos na taboa, deviam também ter concorrido os annos, que já então lhe pesavam mais. Na illuminura, as sobrancelhas, o bigode e os pellos que lhe crescem por baixo do labio inferior, são completamente pretos. Só a parte visivel do que lhe sae por debaixo do chapéu é vagamente ruço. Na taboa de Nuno Gonçalves, bigode e sobrancelhas são grisalhas, como grisalho é também o cabello visivel da cabeça; os raros pellos da barba, esses, são francamente brancos.

A simples approximação d'este retrato do que acompanha a chronica de Azurara, pela diferença de idade entre a mascara d'um e d'outro, era, só em si, bastante para termos de collocar as taboas n'um periodo posterior ao que lhes deu o sr. Joaquim de Vasconcellos. O Infante deve ter aqui mais um bom par de annos; e, tendo ficado concluida a chronica em 18 de fevereiro de 1453 e estando, na illuminura, o Infante representado de luto, probabilissimamente ainda pelo irmão, o Infante D. Pedro, que morreu na catastrophe de Alfarrobeira, em 20 de maio de 1449, este retrato teria, só por isso, de ser em muito posterior ao anno de 1450, e mesmo ao de 1452, em que o sr. Joaquim de Vasconcellos o colloca.

A corroborar esta conclusão, ha ainda a identificação das duas figuras que poizam abaixo do Infante. A do primeiro plano é, indiscutivelmente, D. Affonso V, como lembra o sr. Joaquim de Vasconcellos; mas é um D. Affonso V, não de 20 annos de idade, como diz este escriptor, mas, pelo menos, com 30. Tal qual o retratou o pintor, o Rei é ainda novo e esbelto, mas a pelle accusa já o ardor do sol africano, e os musculos, muito marcados, do pescoço mais concorrem para se dar ao Rei a idade de um homem já completamente feito.

E depois, como havíamos de identificar o pequeno personagem que, de pé, poisa entre o Rei e o Infante D. Henrique? A indicação do sr. Joaquim de Vasconcellos é inadmissivel. Essa figura não pôde ser, de forma alguma, o Infante D. Fernando, irmão de D. Affonso V e sobrinho e afilhado de D. Henrique, como sr. Joaquim de Vasconcellos diz. A diferença de idade entre o Rei e esse personagem é muito maior do que a lembrada por este escriptor, pois, ao passo que D. Affonso V é representado mais perto dos 30 do que dos 20, o pequeno devoto de S. Vicente deve andar pelos 10. Mas, ainda quando esse personagem tivesse de 13 a 15 annos, como é que o sr. Joaquim de Vasconcellos queria que elle fosse o Infante D. Fernando, irmão de D. Affonso V, e só mais novo do que elle dois annos? O sr. Joaquim de Vasconcellos decerto cahiu n'esse erro por um equivoco de datas. E, assim, não podendo ser o Infante D. Fernando, esse personagem não pôde ser outro senão o Principe D. João, depois D. João II. A sua situação entre D. Affonso V e o Infante D. Henrique, a identidade da sua mascara com a do Rei e a da Rainha e a identidade de traje, pois nenhuma das figuras veste tão ricamente, tudo isso, rejeitada a hypothese do sr. Joaquim de Vasconcellos, põe de parte qualquer outra identificação.

Essa figura é, sem duvida alguma, a do Principe D. João, dos 8 para os 10 annos.

## Arte Portugueza Primitiva

### Quadros do pintor Nuno Gonçalves



Painel do Infante

Serie da «Adoração de S. Vicente»

(Museu do Patriarchado)

(1<sup>a</sup>, 24 x 2<sup>a</sup>, 20)

Mas ha mais,— e esse mais é o significado dos caracteres do livro que o Santo mostra, aberto, a D. Affonso V, e ainda a figura da franciscana retratada em frente do Infante D. Henrique. Um e outro concorrem para mostrar como a nossa identificação é a unica admissivel.

O livro que, no outro painel, o Santo guarda dentro da "funda", funda que é, em parte, ainda visivel n'este, é o Evangelho de S. João, Santo da particular devoção da Rainha D. Isabel, que mandou edificar um convento para os conegos seculares de S. João Evangelista, em Xabregas, e deu ao primogenito, morto de tenra idade, o nome de João, com que depois foi baptisado o, ao deante, D. João II.

O texto visivel d'esse livro e que faz sentido, conformemente á leitura que tão amavel e desinteressadamente se prestou a fazer o illustre paleographo e erudito conservador da Torre do Tombo, sr. Pedro de Azevedo, abrange o final do § 28, §§ 29 e 30 e o começo do § 31 do cap. xiv, e é constituido pelos seguintes versiculos:

*Pater maior me est.  
Et nunc dixi nobis  
priusquam fiat, ut*

*cum factum fuerit, credatis.*

*Jam non multa lo-  
quar vobiscum Venit e-  
nim princeps (sic) mundi  
huius et in me nō  
habet quāquam (sic)  
Sed ut cognoscat  
mundus quia diligo  
patrem et sicut mandarē.*

Ora, se o facto do apparecimento d'este Evangelho nas taboas podia ainda explicar-se pela muita devoção que a Rainha D. Isabel tinha por S. João Evangelista, o trecho escolhido, e que, para mais, pertence á categoria dos que antigamente eram invocados como amuletos, é que mostra a intenção manifesta de envolver, simultaneamente, no mesmo symbolo, o pae e o filho, isto é, D. Affonso V e o principe D. João, depois D. João II.

Quanto á freira representada, temos para ella duas hypotheses, em vez de uma. E, comquanto a investigação rigorosa, que a esse proposito fizemos, nos levasse á conclusão de que o sr. Joaquim de Vasconcellos não se enganou, quando aventou poder ser essa per-



Painel dos frades  
(0<sup>m</sup>,61 × 2<sup>m</sup>,20)



Painel da reliquia  
(0<sup>m</sup>,61 × 2<sup>m</sup>,20)

### Arte Portuguesa Primitiva

Quadro do pintor Nuno Gonçalves

Serie da «Adoração de S. Vicente»  
(Museu do Patriarchado)

sonagem "talvez a duquesa de Coimbra,, o que não é menos certo é que essa figura, pelo seu traje, situação, e até semelhança fisiológica (se é que uma escultura posthuma póde merecer confiança), ajusta absolutamente no que a historia e a imaginaria da epoca nos dizem de D. Constança de Noronha, segunda mulher do primeiro Duque de Bragança. E, seja uma ou seja outra, a presença d'essa figura nas taboas vem tornar mais inverosimil a hypothese aliás já provada impossivel, de o pequeno personagem ser o Infante D. Fernando.

(Continúa.)

## LIVROS

### Notas de um lisboeta

Aberto na nossa frente o livro de *Anselmo* — aberto embora fechado. E' que o livro, mesmo fechado, está sempre aberto. E, senão, leiam-o, e depois de bem o saborearem mettam-o n'uma gaveta, que elle saltará cá para fóra a folhear-se por si, a offerecer-se, a tentar, a beliscar o desejo de o reler, de o prender na memoria. Foi o que nos succedeu agora na segunda edição. Devorado á chegada e posto n'um gavetão, veio logo a tentação de o ver outra vez. E' que elle conserva o mesmo sabor agri-doce, a mesma alegria, a mesma graça, a mesma frescura, o mesmo ar de *bon enfant* por fóra com as mesmas unhas aveludadas por dentro.

E' um livro moderno que será sempre novo, que faz rir e pensar, que arranha sem ferir e que morde sem maguar muito. Escripito com leveza e sem preocupações de estylos empolados, é como que um album de impressões fugidias, de placas photographicas retocadas pelo lapis de um caricaturista. Traço aqui, traço acolá, surge o desenho nitido, surgem os perfis, e destacam-se a analyse e a observação vincadas por uma ironia sã, pelo sarcasmo caustico, pelo comico espirituoso. Um combatente rijo que tem por armas o escarpello e a gargalhada.

Um livro que fica, como ficará o pseudonymo de *Anselmo*, que na sombra empunha a penna de Alvaro Chagas. Tal é o nome do auctor das *Notas*, que deram a volta ao paiz e vão agora viajar do Amazonas ao Rio Grande do Sul, onde a colonia portugueza, deliciada, verá, lendo as, o desfilar da politica alegre dos ultimos dois annos, os personagens em evidencia com todos os grotescos, os acontecimentos com todos os ridiculos, as ambições com todos os pódres, a grande mascarada emfim.

E está dito tudo sobre as *Notas* d'este lisboeta, d'este operador implacavel, d'este philosopho trocista, que

foi nosso companheiro de trabalho, durante annos, no *Brasil-Portugal*, em cujas paginas deixou bem accentuado o seu sentir artistico, a sua graça bem portugueza, e o reflexo da sua alma e da sua lealdade. E fechamos a torneira da adjectivação que poderia parecer de incenso sobretudo n'este jornal em que o auctor conta velhos camaradas e velhos amigos.

### Lisboa alegre

Carlos de Moura Cabral, perdão, o sr. conselheiro Carlos de Moura Cabral é, entre os nossos escriptores dos ultimos vinte cinco annos, uma figura de destaque, uma personalidade litteraria das que mais tem direito a ser queridas e apreciadas. Por uma obra de alta philosophia ou de critica severa? Por um romance de analyse profunda e meticulosa? Por um drama ou uma comedia em que se debatam com violencia sentimentos e paixões?

Não. As qualidades que o caracterisam e lhe dão na litteratura portugueza um logar inconfundivel não são aquellas que demanda e exige qualquer d'estas manifestações do talento litterario. São outras, não tanto para interessarem creaturas exigentes e graves, não menos para seduzirem o espirito, prenderem a attenção, e transformarem qualquer misanthropia ou azedume no mais impagavel bom humor. Como ninguém, elle encontra e colhe em flagrante o aspecto alegre e por vezes faceto de tudo que se depara á sua phantasia hilariante ou á sua ironia, que tem o condão excepcional de ser ao mesmo tempo inoffensiva e audaz. Ninguém deslisa com mais agilidade, mais graça, sobre a superficie das coisas, dos costumes, das modas, da velleidade, da fraqueza humana. Episodios correntes ninguém os conta com maior encanto e despreensão, ninguém sabe dar mais a proposito uma alfinetada de espirito em typos ou costumes que outros, é certo, autopsiam e descarnam mais profundamente, sem, porém, conseguirem o effeito immediato que elle sabe tirar n'um sorriso, n'um dito agudo, n'uma observação rapida, n'uma nota á margem, n'uma maneira muito sua de sublinhar, de dar intenção á phrase, de marcar, para sempre, um acontecimento ou uma figura.

Estas são as qualidades primaciaes de Moura Cabral, que no livro, no theatro, ou na chronica jornalística, lhe crearam individualidade e lhe deram nas nossas lettras um logar á parte.

E a *Lisboa alegre* é, sem contestação, a melhor obra sua, aquella em que mais á vontade se expande a sua veia humoristica.

Fita animatographica chama elle a um dos capitulos d'este livro encantador, como chama a outro *Caricaturas á penna*. Pois que vem a ser todas essas duzentas paginas, subordinadas a titulos diversos, essa *Despedida a bordo*, essas *Visitas no campo*, esse *Contra-anuncio* em S. Carlos, essas *Recitas elegantes*, esse *Das 5 ás 7*, todos os capitulos emfim da *Lisboa alegre*, senão caricaturas e fitas animatographicas em que



### Arte Portuguesa Primitiva

Quadro do pintor Nuno Gonçalves

Painel do Arcebispo

Serie da «Adoração de S. Vicente»

(Museu do Patriarchado)

(1<sup>a</sup>, 25 X 2<sup>a</sup>, 20)

mais alegres como os mais sorumbaticos, ri á farta de episodios que já viu algures, de personagens que conhece, de ridiculos que enxameiam a nossa sociedade, de grotescas pedantices que a toda a hora e em toda a parte se nos deparam?

Junte-se a este valor litterario o encanto da edição, illustrada com gravurinhas primorosas e sahida dos prelos da *Editora*, e far-se ha ideia do que tem de attraente e de suggestivo o ultimo livro de Moura Cabral.

### Coimbra doutora

Era indispensavel este livro depois de ter apparecido o de Vicente Pindella. Na *Coimbra nobre cidade* é a bohemia academica que celebra o seu reinado, são os amores dos rapazes e das tricanas, é a capa negra armada em bandeira da mocidade irrequieta, são os folgaes e descantes *au clair de la lune* pelas ruas accidentadas e tortuosas da cidade universitaria.

Na *Coimbra doutora*, dedicada por Hippolito Raposo ao conde de Monsaraz, ha, como diz Julio Dantas nas paginas com que prefacia o livro, a ponderação, a reflexão, a sobriedade, representadas pelo auctor n'uma geração coimbrã de poetas.

E' assim. E nada menos vulgar do que vêr no nosso tempo, em que os labores da investigação e do estudo não são infelizmente

apanagio do talento, conjugados o talento e o trabalho por uma forma tão brilhante como aquella de que é exemplo a *Coimbra doutora*.

As tradições universitarias de Coimbra estão compendiadas e reproduzidas n'esse livro, editado pela casa França Amado, com tanto vigor, tão vasto conhecimento do assumpto, e, por vezes, tão intenso brilho descriptivo, que o prosador de raça e o estudioso simultaneamente se revelam e de prompto conquistam uma alta sympathia litteraria e um merecidissimo louvor.

Ao lêr esse livro comprehendemos bem a justiça com que nos jogos floraes de Salamanca fôra concedido um dos primeiros premios á Memoria apresentada por Hippolito Raposo. E' que o livro presente é a reprodução d'essa memoria.

A proclamar o incontestado valor do moço estudante da nossa Universidade somos dos ultimos, é certo, mas nem porisso são menos sinceras as nossas palavras, nem menos profunda a convicção, produzida pela leitura da *Coimbra doutora*, de que Hyppolito Raposo, que já hoje dá brilho á Universidade, será amanhã uma gloria das lettras patrias.

## AZAS

No céu azul perpassa mansamente  
a mancha duma aza a esvoaçar,  
— Ancia que sóbe perfumada e quente  
num raio de luar.

Tambem o nosso Sonho assim perpassa:  
— aza do coração erguido em ancia,  
ao fulgôr dum olhar cheio de graça  
que nos fôta a distancia.

Lisboa,

Mario Salgueiro.



## Theatros

*Gymnasio, Pipelin*, comedia em 3 actos, adaptação do francez por Eduardo Garrido. — *Trindade, A's armas*, revista em 3 actos e 15 quadros, original de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa com musica dos maestros Paschoal Pereira e Manoel Benjamin. — *D. Amélia*. — *Principe Real*. — *Rua dos Condes*. — *Music-Hall*.

A comedia *Pipelin*, que ha pouco subiu á scena no *Gymnasio* em beneficio do estimado actor Cesar de Lima, é uma das mais graciosas adaptações de Eduardo Garrido, e já em tempos idos fez as delicias dos nossos papás na *Trindade*. Depois passou para o *Gymnasio*, onde se aguentou bastante tempo, e agora, decorridos uns poucos de annos, lá a foram arrancar ás poeiras do archivo para de novo fazerem exhibir á luz da ribalta a graciosidade dos seus dictos e das suas situações. E não andou mal a empreza, não senhor, pois que o *Pipelin* é uma peça de agrado seguro, sem escabrosidades e das mais bem feitas que no genero conhecemos, não só como technica, como pela originalidade do assumpto: — imagine-se um agente de casamentos que garante as mulheres por dois annos!... — Já calcula decerto o leitor a série de situações, qual d'ellas a mais imprevista, que giram em volta de tão extranho assumpto, e, tambem, a actividade que *Pipelin* — o agente em questão — tem de desenvolver para a fiscalisação do porte de todas as suas seguradas, pois que, não sendo assim, isso lhe acarretaria, além do descredito para o estabelecimento, o dispendio de uma importante indemnisação ao marido atraído.

O protagonista encontrou um excellent interprete no actor brasileiro Ferreira de Sousa, que n'esta peça se apresentou pela primeira vez ao publico de Lisboa. Pela forma correcta como desempenhou o difficil papel, em nada desmereceu a justa fama, de que vinha precedido. E' um actor consciencioso, de bastantes recursos, e, portanto, de uma grande utilidade para a empreza que o contractar. Cesar de Lima desempenhou com agrado um papel comico, pelo que foi muito justamente applaudido, bem como Cardoso, Telmo, Laura Hirsch, Maria Lagôa, Rosa de Andrade e Lucilia.

Brevemente teremos n'este theatro a primeira representação da Revista em tres actos *Arco da velha*, original de Xavier da Silva e João Bastos.

— Com a revista em tres actos *A's armas*!... estreou-se ultimamente na *Trindade* a companhia do theatro Carlos Alberto, do Porto, que conta no seu elenco alguns artistas de valor, trazendo como *estrella* a intelligente actriz-cantora Delphina Victor.

A revista, que tem bastante graça, segue as pisadas de todas as suas congeneres no que respeita a technica, explorando de pre-



### Arte Portuguesa Primitiva

Quadro do pintor Nuno Gonçalves

Painel dos pescadores

Série da «Adoração de S. Vicente»

(Museu do Patriarchado)

(1<sup>ma</sup>, 57 x 2<sup>ma</sup>, 20)

**Theatros.** — THEATRO D. AMELIA*A companhia de zarzuela*

ferencia todos os assumptos que se relacionam com a cidade do Porto, que lhe serviu de berço. Merecem, porém, referencia especial pela originalidade os quadros do *Bazar dos tres vintens* e *Albergue nocturno*, tendo sido bisado no primeiro a *Grande charanga de clarins*, que é de muito effeito. A musica, dos maestros Paschoal Pereira e Manuel Benjamin, muito bonita; e o scenario, de Augusto Pina, Machado e Del Barco, excellente, bem como o guarda roupa. No desempenho salientaram-se Delphina Victor, Albertina de Oliveira, Marietta Mariz, Portulez, Julio Guimarães e Jayme Silva.

Brevemente nos dará esta Companhia mais algumas peças do seu vasto repertorio.

— No **D. Amelia** tem agradado immenso a companhia de zarzuela, que é das mais completas que nos teem visitado. A par de muitas zarzuellas já conhecidas tem-nos dado a companhia algumas novas, como *Los Hombres Alegres*, *Alegria del Batallon*, e *Comisaria*, que teem feito um verdadeiro successo, preparando-se para breve outras. O publico tem applaudido com delirio todas as noites a graciosa Pilar Marti, que parece remoeçar de anno para anno,

*As fiples da companhia de zarzuela**Clichs de J. Benoliel.)*

**Theatros.** — RUA DOS CONDES — A herança da fada

O reino da ambição

a característica Dolores Cortés e o primeiro actor comico Lamas, que é um dos primeiros que, no genero, nos tem visitado.

— No **Príncipe Real** continua em pleno successo a revista *Sol e Sombra* que tem agora mais dois attractivos: o *compère* feito pelo actor Gomes da **Trindade** e o novo quadro *Hotel do lagarto*, que tem pilhas de graça.

— Subiu ultimamente á scena na **Rua dos Condes** a magica *Herança da Fada* de Celestino da Silva com musica do maestro Luz Junior, de que nos occuparemos no proximo numero. Entrou em

ensaios n'este theatro uma nova peça phantastica intitulada *O diabo que o carregue*, original dos conhecidos escriptores theatraes João Phoca e André Brun.

— No **Music-Hall**, está em scena uma revista do sr. Arthur Arriegas intitulada *Ferros curtos*, que tem immensa graça, e para a qual escreveu excellente musica o maestro Hugo Vidal. O desempenho é muito regular, bem como o scenario e guarda-roupa.

Ruy.



Herança da fada. — Final do 2.º acto

(Clichés de A. C. Lima).